

# O ENSINO DA VARIANTE PADRÃO NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: POSSIBILIDADES METODOLÓGICAS ATRAVÉS DE JOGOS TEATRAIS

Jussara Queiroz de Araújo<sup>1</sup>  
Prof. Dr. Joseval dos Reis Miranda<sup>2</sup>

## RESUMO

Nós, professores da Educação de Jovens e Adultos, sabemos o quanto é desafiador se trabalhar a variação linguística, mais especificamente a variante padrão, de modo significativo e instigante para o discente. É necessário desenvolver, nos mesmos, a percepção de uso e adequação da língua, de modo que, o aluno da EJA, saiba aplicar no seu cotidiano as variações linguísticas de acordo com as demandas sociais impostas. Foi pensando sobre tais aspectos, que desenvolvemos esta proposta de intervenção, com o objetivo de ampliar o repertório linguístico e a oralidade na variante padrão. Para esta proposta de intervenção, lançaremos mão de dois modelos de jogos teatrais, como artifício para o desenvolvimento da atividade. A abordagem metodológica aplicada nesta pesquisa-ação será qualitativa. Em relação ao método de geração de dados, utilizaremos duas rodas de conversa e a etapa de análise de dados se dará mediante a observação participante. O aporte teórico que embasa essa proposta de intervenção consiste nos seguintes autores: Faraco (2008), Carvalho e Ferrarezi Jr. (2018), Boal (2019) e Bortoni-Ricardo (2008), Dolz e Schneuwly (2004), Ferreyra (1998) e a BNCC (2018). Vislumbramos apresentar para os professores e leitores, possibilidades de se trabalhar a variação linguística de maneira lúdica, através de jogos teatrais com o intuito de se alcançar uma aprendizagem mais condizente com as vivências dos jovens, adultos e idosos, mediante a dramatização de contextos sociais vividos fora do espaço escolar.

**Palavras-chave:** Variante padrão. Oralidade. Jogos Teatrais.

## INTRODUÇÃO

Como professores, da Educação de Jovens e Adultos, nos sentimos desafiados por buscar novos métodos de trabalho, onde possamos adequar o ensino da variante padrão às simulações de situações reais, que deem ao aluno da EJA alguma noção básica sobre as diferentes adequações, que são necessárias no momento de manter um diálogo em ambientes onde a variante padrão será exigida por eles.

A partir da necessidade de instigar os alunos a explorar gêneros orais que demandam maior planejamento da fala, pensamos na possibilidade de utilizar técnicas advindas do teatro, para as aulas de Língua Portuguesa, a fim de despertar no aluno a autoconfiança de utilizar a variante padrão em situações do dia a dia.

---

<sup>1</sup> Mestranda pelo PROFLETRAS, Mestrado Profissional em Letras da Universidade Federal da Paraíba -UFPB, Campus IV- Mamanguape. E-mail: [jussaraclasses2021@gmail.com](mailto:jussaraclasses2021@gmail.com)

<sup>2</sup> Professor do Programa de Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS- Campus IV) UFPB. E-mail: [josevalmiranda@yahoo.com.br](mailto:josevalmiranda@yahoo.com.br)

O objetivo central desta proposta de intervenção consiste em simular situações e contextos sociais onde o uso da norma culta é requerido pela sociedade. Faraco (2008, p.41) destaca que “... há uma tendência dos falantes a se acomodar às práticas linguísticas normais de seu grupo social” e o nosso objetivo, enquanto professores de Língua Portuguesa, é desafiar o aluno a percorrer novos caminhos.

A partir desse desejo de trazer para as aulas de Português alguma atividade prática, pensamos em planejar uma tarefa, baseada em jogos teatrais, onde o foco do nosso trabalho seria explorar o eixo oralidade, com o intuito de simular situações da vida social que necessitam de maior monitoramento da fala. Diante disso, lançamos mão da habilidade (EF69LP52) do eixo oralidade, no campo artístico-literário, da Base Nacional Comum Curricular (2018), que prevê que o aluno tenha a capacidade de:

Representar cenas ou textos dramáticos, considerando, na caracterização dos personagens, os aspectos linguísticos e paralinguísticos das falas (timbre e tom de voz, pausas e hesitações, entonação e expressividade, variedades e registros linguísticos), os gestos e os deslocamentos no espaço cênico, o figurino e a maquiagem e elaborando as rubricas indicadas pelo autor por meio do cenário, da trilha sonora e da exploração dos modos de interpretação. (BRASIL, 2018, p.159)

Durante a etapa de elaboração, discutimos sobre de que forma poderíamos desenvolver a habilidade supracitada nos discentes. Então, traçamos como principal objetivo, exercitar a fala monitorada na variante padrão, assim como, estimular no aluno a consciência da necessidade de adequação do repertório linguístico. Segundo Faraco (2008):

É parte do repertório linguístico de cada falante um senso de adequação, ou seja, ele/ela acomoda seu jeito de falar as práticas correntes em cada uma das comunidades de prática a que pertence. Por isso se diz que cada falante é um camaleão linguístico”. (FARACO, 2008, p. 38)

Nesse sentido, foi pensando sobre como trabalhar a adequação, como simular no ambiente da sala de aula situações pertinentes a vida profissional dos alunos, que buscamos por planejar e aplicar esta proposta de intervenção, com o intuito de estimular que o discente saia um pouco da sua “*zona de conforto linguística*” e se aventure em simulações, da vida profissional, onde a variante padrão é pré-requisito para obtenção de um bom desempenho.

Ademais, esta proposta teve o intuito de preparar os alunos da Educação de Jovens e Adultos para situações sociais que irão, possivelmente, requerer uma postura e uma linguagem mais formais e mais condizentes com ambientes profissionais e sociais que exigem do cidadão uma certa formalidade e padronização na fala. O caminho trilhado até chegarmos no objetivo principal desta proposta de intervenção, iremos discorrer no tópico seguinte.

## **ROTEIRIZANDO A VIDA COTIDIANA ATRAVÉS DA ORALIDADE E DOS JOGOS TEATRAIS**

A partir da necessidade de intervir na formação global do discente para a vida cotidiana, pensamos em situações que houvesse a necessidade de maior polidez e domínio da variante padrão. Então, propusemos uma pesquisa-ação de natureza qualitativa e cunho intervencionista, visando uma adequação às especificidades e necessidades profissionais do grupo, que seria exposto à aplicação da proposta de intervenção.

O método qualitativo foi definido como o mais adequado, em razão das escolas, “em especial as salas de aula, provarem ser espaços privilegiados para a condução de pesquisa qualitativa” (Bortoni-Ricardo, 2008, p.32). Além do fato de encontrarmos no ambiente escolar o conforto e a cumplicidade da convivência diária entre professores e alunos, o que torna o método qualitativo o mais eficaz.

O grupo participante dessa proposta de intervenção foi formado por alunos do ciclo III (6º e 7º ano) da Educação de Jovens e Adultos. Sendo eles: uma mulher e dois homens cuja as profissões são de: cozinheira, operário de fábrica e vaqueiro. Os alunos participantes da pesquisa possuem faixa etária entre 18 e 50 anos de idade.

Inicialmente, trabalhamos uma semana de aulas expositivas sobre o tema, assim como exercícios e atividades de leitura, vimos que seria interessante propor para o grupo a execução de duas oficinas temáticas e logo após cada oficina, faríamos rodas de conversa para a discussão sobre as performances executadas em cada oficina. As oficinas foram gravadas em áudio e vídeo e os alunos foram informados de que os dados gerados a partir das gravações, bem como suas identidades seriam mantidas sob total sigilo durante e após a aplicação das oficinas e rodas de conversa. Todos os participantes envolvidos na pesquisa ingressaram nas atividades de forma voluntária.

Conforme o leitor poderá observar nos quadros 1 e 2, os planos de intervenção aplicados nas oficinas temáticas foram de uma hora aula de duração cada. A professora aplicadora das oficinas utilizou aulas geminadas para evitar a quebra do fluxo das atividades. Outrossim, gostaríamos de ressaltar que, as propostas apresentadas nestes planos de intervenção podem ser adaptadas às especificidades da sala de aula de outros docentes que, por ventura, desejem aplicar as oficinas propostas nos quadros abaixo em suas salas de aula:

### Quadro 1 - Plano de intervenção da oficina 1 e roda de conversa 1

#### **Simulação de entrevista de emprego**

**Tempo:** 45 minutos (1 hora aula).

**Objetivos:**

- Perceber o monitoramento da fala.
- Analisar a linguagem corporal.

**Tarefa:**

- Os alunos serão recebidos em um semicírculo onde todos possam se ver nos olhos.
- Será feito o sorteio de dois alunos para encenar a candidatura para uma suposta vaga de emprego de recepcionista onde um irá fazer o papel do candidato com fala e ação coloquial e o outro irá fazer o papel de candidato com fala padronizada.
- O professor irá conduzir, no meio do semicírculo, a entrevista enquanto os demais alunos assistem atentamente. (10 minutos)
- Os alunos observadores irão receber uma rubrica de avaliação

**Roda de Conversa:**

- Ao término das entrevistas o professor levanta a discussão sobre aspectos como: o monitoramento da fala de ambos, a linguagem corporal e pontos fortes e os pontos de melhoria em ambas as situações representadas.

Fonte: Elaborado pelos signatários da pesquisa

### Quadro 2 - Plano de intervenção da oficina 2 e roda de conversa 2

#### **Venda de Produto**

**Tempo:** 45 minutos (1 hora aula)

**Objetivos:**

- Analisar o repertório linguístico utilizado na interação.
- Desenvolver o poder de convencimento.
- Aperfeiçoar técnicas de persuasão oral.

**Tarefa:**

- Será sorteado um aluno que fará o papel de vendedor;
- o professor irá escolher algum produto (exemplo: caderno, caneta, cadeira), para que o aluno venda a alguém;
- os alunos observadores irão preencher a rubrica de avaliação;

**Roda de Conversa:**

- Será aberta a discussão sobre pontos fortes e pontos de melhoria nas técnicas utilizadas nesse gênero oral.

Fonte: Elaborado pelos signatários da pesquisa

Os recursos utilizados nessas duas propostas de intervenção foram: pedaços de papel, uma pauta de entrevista que a professora levou para a aula com algumas perguntas que podem

variar entre 5 à 10 questões. Neste caso, nós optamos por dez questões, retiradas de um *blog* da *internet* que apresentava as dez perguntas mais comuns em entrevistas de emprego. Nós não trouxemos para esta discussão quais foram as dez perguntas, por entendermos que, caso algum outro docente deseje aplicar esta proposta de atividade, o mesmo terá a liberdade de elaborar suas próprias perguntas ou escolher em algum *site* ou *blog* as perguntas que fazem mais sentido para a sua sala de aula.

Já em relação à rubrica de avaliação utilizada nas duas oficinas temáticas, apresentamos o modelo abaixo (quadro 3). Elas foram entregues aos alunos observadores, com o intuito de desenvolver a percepção dos demais no que concerne à performance oral em situações de maior formalidade e monitoramento da fala.

Quadro 3 - Rubrica de avaliação entregue aos alunos observadores

RUBRICA DE AVALIAÇÃO	0 a 2 pontos
Linguagem corporal	
Uso da variante padrão	
Adequação do repertório linguístico	
Poder de persuasão	
Criatividade	

Fonte: Elaborado pelos signatários da pesquisa

Durante a etapa das oficinas, houve a observação participante, visto que, a professora responsável pela geração de dados, também participou efetivamente do andamento de toda a dinâmica dos jogos teatrais. Todavia, não só a professora observou a condução da tarefa, como também os demais alunos expuseram suas percepções e contribuíram através do preenchimento das rubricas de avaliação, para que o processo avaliativo da atividade fosse colaborativo. Tanto as duas oficinas teatrais, como as rodas de conversa foram planejadas a partir da perspectiva sociointeracionista. No tópico seguinte iremos discutir acerca da abordagem teórica que pautou esta proposta de intervenção.

## **A ORALIDADE COMO PROTAGONISTA DA VARIANTE PADRÃO**

Em relação a abordagem teórica que fundamenta esta pesquisa-ação, destacamos que todas as oficinas foram desenvolvidas com base no ensino da oralidade, de acordo com a

perspectiva sociointeracionista. Em razão de, entendermos o espaço escolar como um ambiente propício para o aperfeiçoamento de gêneros orais que, geralmente, são ofuscados pela supremacia das atividades de leitura e escrita.

De acordo com Marcuschi (2020, p.25) “a fala é uma atividade muito mais central do que a escrita no dia a dia da maioria das pessoas. Contudo, as instituições escolares lhe dão atenção quase inversa à sua centralidade na relação com a escrita”. Diante disso, optamos por trabalhar a variante padrão através dos gêneros orais: entrevista e exposição oral; dando voz e protagonismo aos alunos da Educação de Jovens e Adultos que, certamente, irão lançar mão desses dois gêneros em suas carreiras profissionais.

Carvalho e Ferrarezi Jr. (2018, p.16) destacam que “a oralidade é determinante para a composição da nossa identidade” e que nesse processo de busca pela própria identidade, o aluno tenha um papel ativo e reflexivo em relação ao domínio da variante padrão da sua língua materna. Corroborando com este pensamento, ressaltamos que, o espaço escolar se torna o ambiente mais propício para o aperfeiçoamento dos gêneros orais, porquanto, na sala de aula, o aluno se torna protagonista de papéis que serão encenados também na vida cotidiana.

Conjuntamente com a perspectiva sociointeracionista, nossas oficinas foram pensadas a partir do que propõe Augusto Boal em: O Teatro do Oprimido<sup>3</sup>; por considerarmos que, nessa abordagem, o trabalho com gêneros orais e a norma padrão tornam-se mais dinâmicos e alinhados com papéis de protagonismo e reflexão coletiva.

Boal (2019, p.12) afirma, em sua obra, que “[...] todos devem protagonizar as necessárias transformações da sociedade” e foi pensando neste protagonismo que optamos pelo Teatro do Oprimido como segunda fonte de referência para a elaboração das oficinas, a fim de trabalhar a autoconfiança no momento de utilização dos gêneros orais. Por esta razão, entendemos que, tanto a entrevista de emprego, quanto a exposição oral, são gêneros essenciais às vivências profissionais e pessoais dos alunos da Educação de Jovens e Adultos.

O Teatro do Oprimido consiste em um conjunto de jogos teatrais onde o cidadão comum é o ator e o expectador. Os papéis se confundem em oficinas que encenam a realidade e a plateia determina o tom e o desfecho da trama. Após as encenações é comum que ocorra o debate e a reflexão sobre as impressões causadas pelas cenas. Ou seja, o aluno vive a cena, se percebe na cena e reflete sobre o papel do personagem e como ele pode ser aperfeiçoado.

---

<sup>3</sup> Segundo Boal (2019, p.24) o Teatro do Oprimido “é o teatro dos oprimidos, para os oprimidos, sobre os oprimidos e pelos oprimidos, sejam eles operários, camponeses, desempregados, mulheres, negros, jovens ou velhos [...] todos aqueles a quem se impõe o silêncio e de quem se retira o direito à existência plena”.

Não apenas os aspectos linguísticos (atos de fala, marcadores conversacionais, repetições, expressões prontas e correções), mas também os aspectos paralinguísticos (qualidade da voz, elocução e pausas, risos, suspiros) e os aspectos cinésicos (movimentação corporal, postura, gestos, expressões faciais) foram observados e debatidos durante a execução das rodas de conversa, a fim de trabalhar com o aluno todo o recrutamento de recursos corporais e cognitivos que envolvem o domínio bem sucedido de gêneros orais na variante padrão.

Dolz e Schneuwly (2004, p. 43) afirmam que “comunicar-se oralmente ou por escrito pode e deve ser ensinado sistematicamente” e foi pensando sobre esta sistematização do ensino de gêneros orais que desenvolvemos este trabalho de pesquisa e intervenção. Nosso próximo passo será o de apresentar ao leitor, os resultados da aplicação das oficinas e quais considerações traremos a partir de então.

## ENCENANDO FALAS DA VIDA COTIDIANA

Inicialmente, aplicamos a oficina entrevista de emprego, que foi encenada por dois alunos e pela professora mediadora da pesquisa. Utilizaremos para os alunos desta primeira oficina os nomes fictícios de Pedro e Maria. Enfatizamos que, as perguntas feitas na encenação foram as mesmas tanto para Pedro, quanto para Maria.

O aluno Pedro recebeu o papel de entrevistado que traria uma conduta e linguagem formal e a Maria encenaria uma candidata com postura e linguagem coloquial. No quadro 4 apresentamos a transcrição das respostas dadas por Pedro e por Maria durante as encenações. Sugerimos ao leitor que observe o teor das perguntas e respostas e, posteriormente, iremos discutir sobre o teor das respostas dadas pelos personagens nas encenações:

Quadro 4 – Transcrição da cena Entrevista de Emprego

<b>Recrutador de RH (Recursos Humanos)</b>	<b>Pedro</b>	<b>Maria</b>
<b>Pode falar um pouco sobre você?</b>	“É tipo assim... Sei não...”	“Eu me acho uma pessoa muito assim... conversadeira, que faz amizade.”
<b>Como as outras pessoas descreveriam você?</b>	“Como assim? Uma pessoa do bem né?”	“Eu não sei...”
<b>Que hobbies você tem fora do trabalho?</b>	“Eu só trabalho mesmo.”	“Eu só trabalho.”
<b>Quais são os seus pontos fortes?</b>	“Meus pontos fortes? Sei não...”	“Ponto forte? Acho que minha família.”
<b>Quais são os seus pontos fracos</b>	“Meus pontos fracos? Sei não...”	“Mexer com meus filhos.”
<b>Você já teve alguma situação de conflito no trabalho? Como resolveu?</b>	“Teve. Falei com a pessoa.”	“Já... Falei com a chefe.”
<b>Porque você está interessado por esta vaga de emprego?</b>	“Porque eu quero trabalhar, né? Ser uma pessoa de bem.”	“Porque eu preciso”

<b>Você já trabalhou antes? Porque você foi demitido do emprego anterior?</b>	“Trabalhei já. Porque não trabalhei bem.”	“Não”
<b>O que você sabe sobre nossa empresa?</b>	“Na verdade, eu não sei nem o que dizer...”	“É uma empresa muito boa, eu fui informada.”
<b>Por que deveríamos te dar essa vaga?</b>	“Pra eu ver se eu trabalhava mais melhor, mais bem né? Pra eu ficar no trabalho até quando Deus quiser.”	“Se eu merecer... agradeço né?”

Fonte: Elaborado a partir dos dados gerados pela pesquisa

Durante as encenações, tanto o Pedro, quanto a Maria respeitaram os turnos de fala durante a interlocução, ambos ocuparam o espaço correto na cena que se tratava de uma cadeira colocada propositalmente de frente para o personagem recrutador (professora).

Em relação à encenação do aluno Pedro, ele apresentou uma postura corporal pouco confiante, com o olhar sempre voltado para o chão ou para as mãos em sinal de timidez. É perceptível em suas primeiras respostas, que ele possivelmente não compreendeu as perguntas e fazia questionamentos ao recrutador (professora), durante a encenação, a exemplo de: “Como assim?” e afirmações a exemplo de “...eu não sei nem o que dizer”. De acordo com Ferreyra (1998, p. 25) “nossas feições, gestos, atitudes e trejeitos são, de alguma maneira, linguagens que transcendem os limites físicos que o corpo nos impõe e que se tornam, em muitos casos, mais significativas que a linguagem da palavra”. Pedro demonstrava desconforto e insegurança não apenas nas palavras como também nos gestos e expressões faciais.

Visivelmente pudemos perceber que o aluno Pedro não sabia quais palavras utilizar para falar a respeito dos seus pontos fortes e fracos, bem como não se preocupou em utilizar a linguagem formal que havia sido requisitada pela professora no momento do sorteio dos papéis das cenas. A pontuação marcada por Pedro na avaliação feita pelos expectadores foi de 5,5 em uma escala de 10 pontos, avaliadas de acordo com os critérios descritos no quadro 3 da rubrica de avaliação.

Em contrapartida, a aluna Maria, que recebeu o papel de candidata com linguagem e postura informal, apresentou maior formalidade e confiança em sua postura corporal e na escolha do repertório para a ocasião que seria encenada.

Maria, assim como Pedro, não soube responder com precisão sobre seus pontos fortes e fracos, levando o rumo da entrevista para uma temática mais familiar e menos profissional a exemplo da frase: “Ponto forte? Acho que minha família”. Neste ponto da encenação, esperávamos que a resposta fosse dita acerca das virtudes pessoais do personagem e não sobre laços familiares. Na avaliação feita pelos expectadores, Maria marcou 9,5 pontos, porém, destacamos que, mesmo recebendo o papel de personagem informal, Maria encenou com maior formalidade em sua postura corporal e no uso do seu repertório linguístico.

Ao final das duas encenações, a professora, mediadora da oficina, agradeceu a participação dos alunos atores e em uma roda de conversa, explicou para todos (atores e expectadores) cada tópico a respeito de uma boa execução oral do gênero entrevista de emprego. Destacou aspectos referentes à vestimenta, postura corporal e quais respostas seriam razoáveis para cada uma das perguntas, reforçando a necessidade do uso de um repertório linguístico isento de gírias como a expressão “tipo assim” e a importância de dar respostas assertivas e seguras, sem o uso de marcadores de discurso como o “né?”.

Segundo Ferreyra (1998, p.22) “durante o curso da vida, o indivíduo aprende a perceber, de forma minuciosa, certos aspectos da realidade, especialmente quando o guia algum incentivo especial, ou quando lhe foi oferecida uma educação com esse propósito”. Corroborando com este pensamento, nós buscamos, durante as rodas de conversa, aguçar a percepção dos alunos acerca dos elementos que compuseram a fala dos personagens em cena e quais desses elementos deveriam ser aperfeiçoados.

Partindo agora para a análise da oficina 2 (venda de produto), iremos chamar pelo nome fictício de João, o aluno que recebeu, durante o sorteio das cenas, a incumbência de encenar um personagem vendedor de produtos. João recebeu da professora o desafio de vender para ela (encenando como cliente) uma caneta esferográfica simples. Esta cena representaria uma situação cotidiana em uma parada de ônibus de uma cidade grande.

Nesta oficina, não foi ofertado ao aluno João nenhum roteiro. Ele teria que encenar a venda do produto com base na improvisação. Vejamos no quadro 5 a transcrição do diálogo e, posteriormente, discutiremos sobre nossas percepções em relação ao diálogo improvisado pelos personagens:

Quadro 5 – Transcrição da cena Venda de Produto

<b>João</b>	<b>Cliente</b>
“Boa noite, Senhora.”	“Boa noite”
“Você quer comprar essa caneta?”	“Por que eu deveria comprar essa caneta?”
“Porque eu estou precisando, é que meu trabalho é vender esse tipo de coisa, entendeu? Eu tenho caneta, borracha...”	“Sei... E o que essa caneta faz de especial?”
“Escreve”	“Ela tem mais alguma outra função?”
“Tem não...”	“Quanto custa?”
“Dez reais.”	“Dez reais! O senhor não acha que está caro não?”
“A senhora leva a caneta e a borracha e eu faço um preço bom.”	“E você faz por quanto a borracha e a caneta?”
“Faço por seis reais.”	“Tá bom, eu vou levar.”

Fonte: Elaborado a partir dos dados gerados pela pesquisa

Nesta cena o aluno utilizou uma abordagem inicial com uma saudação formal e, conforme o previsto, ofertou o produto, aguardando do interlocutor uma resposta. Podemos observar na

transcrição diálogo (quadro 5) que o João obedeceu perfeitamente aos turnos de fala, assim como soube adequar seu repertório linguístico para a situação encenada.

Porém, observamos que o cliente (professora) tenta explorar no diálogo a criatividade e o poder de persuasão do João ao perguntá-lo: “...o que essa caneta faz de especial?” ou “ela tem mais alguma outra função?” e as respostas são breves e pouco exploradas pelo João.

Nas imagens em vídeo o vendedor (João) aparenta nervosismo e insegurança durante a fala, o que podemos relacionar ao fato de ser uma encenação e também estar sendo gravado. Em outras palavras, podemos inferir que, em razão do diálogo ser uma simulação de uma venda, João apresentou certa retração durante a improvisação por não estar habituado a esse tipo de atividade escolar. Em relação à avaliação feita pelos expectadores, o aluno João marcou 7,5 pontos em uma escala de 10.

Porém, o material gerado a partir da pequena encenação garantiu à professora uma excelente matéria prima a ser aperfeiçoada posteriormente. Visto que, após a representação, todos os aspectos relativos à adequação da fala, linguagem corporal e persuasão foram apontados e discutidos pela turma sobre como o personagem poderia melhorar as suas técnicas de venda. Por exemplo, no momento em que a cliente pergunta: “ela tem alguma outra função?”; esperávamos que o vendedor falasse acerca das qualidades do produto, se possuía uma escrita fina, se era macia ou que teria formato anatômico etc.

A professora destacou durante a roda de conversa que as palavras, quando bem selecionadas, podem enriquecer ou empobrecer um diálogo. Algo que aparentemente é simples, como uma caneta esferográfica, pode se tornar uma oferta imperdível para um cliente, quando se tem domínio do gênero venda de produto. Falou também, acerca da importância de destacar, durante uma venda à um cliente, aspectos e características do produto que podem até ser simples, mas que devem ser exibidas como especiais.

No decorrer de todas as duas rodas de conversa a professora tirou dúvidas e trouxe à tona pontos de melhoria nos diálogos encenados, ouvindo também o depoimento dos atores e expectadores a respeito de suas percepções sobre os diálogos representados. No tópico seguinte trataremos nossas considerações a respeito dos resultados obtidos a partir da atividade de intervenção.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Ensinar a variante padrão, através de jogos teatrais, para alunos da Educação de Jovens e Adultos é, certamente, uma tarefa desafiadora. Em virtude de *n* fatores que permeiam esta

modalidade de ensino. Fatores como, por exemplo, a presunção de que esses alunos já sabem utilizar os gêneros orais; ou até mesmo, a resistência que o professor poderá encontrar na turma para a aplicação de tarefas pouco tradicionais.

Porém, nosso papel, enquanto professores, será o de apresentar aos alunos da Educação de Jovens e Adultos novas possibilidades de se aprender a usar a língua materna, sem a necessidade de atividades massantes ou previsíveis. De acordo com Dolz e Schneuwly (2004) é possível ensinar ao aluno os gêneros orais de maneira sistemática e intencional. E, corroborando com esta fala, afirmamos que é possível ensinarmos a variante padrão através de gêneros orais de maneira sistemática e intencional.

Obviamente, duas oficinas e duas rodas de conversa não seriam suficientes para tornar o aluno proficiente na variante padrão. Todavia, as atividades desempenhadas na turma serviram como termômetro para a intervenção docente e para a elaboração de novas estratégias de ensino. Outrossim, destacamos o quão foi importante para os alunos, protagonizarem personagens. E, de maneira crítica, construtiva e lúdica, perceberem a si mesmos e aos demais colegas de forma intencional. Trazendo, através dos jogos teatrais, a importância da consciência do uso do corpo e da fala na comunicação humana.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. **Base nacional comum curricular**. Brasília, DF: MEC.2018a. 595 p. Disponível em: [http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC\\_EI\\_EF\\_110518\\_versaofinal\\_site.pdf](http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf). Acesso em: 17 jul. 2023.

BOAL, A. **Teatro do oprimido e outras poéticas políticas**. 1. ed. São Paulo: Editora 34, 2019. 231 p.

BORTONI-RICARDO, S. M. **O professor Pesquisador: Introdução à pesquisa qualitativa**. 1. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

CARVALHO, R. S. de; FERRAREZI JUNIOR, Celso. **O que saber, como ensinar**. 1. ed. São Paulo: **Parábola Editorial**. 2018. 160 p.

DOLZ, J.; NOVERRAZ, M.; SCHNEUWLY, B. Sequências didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento. *In*: SCHNEUWLY, B.; DOLZ, J. (Orgs.). **Gêneros orais e escritos na escola**. Trad. de Roxane Rojo e Gláís Sales Cordeiro. Campinas: Mercado de Letras, 2004. 239 p.

FARACO, C. A. **Norma Culta Brasileira: desatando alguns nós**. São Paulo, Parábola Editora, 2008. 224 p.



FERREYRA, E. N. **A linguagem oral na educação de adultos**. Trad. Jussara H. Rodrigues. Porto Alegre: Artmed, 1998. 304 p.

MARCUSCHI, L. A. Oralidade e ensino de língua: uma questão pouco “falada”. *In*: DIONÍSIO, A. P.; BEZERRA, M. A. (Orgs.). **O livro didático de Português: múltiplos olhares**. 2 ed. Campina Grande: EDUFCEG, 2020. 244 p.